

Raso da Catarina

Dona Dorinha,
a amável senhorinha
de cabelo branco preso em coque
e vestido roxo de florzinhas.

Tinha várias caixinhas
onde guardava as coisas de costura:
suas linhas, botões, agulhas,
alfinetes, elásticos, poucas tesouras e
muitos retalhos de paninhos.

Ouro para ela!
Ouro no lugar em que vivia:
Raso da Catarina
(como gosto desse nome!)

Raso da Catarina,
entre os rios São Francisco e
Vaza barris (gosto desse também)
Região com lençol freático profundo.
A região mais seca do sertão baiano,
de solo arenoso e profundo:

- com vegetação de caatinga arbustiva;
- xiquexiques, mandacarus, coroas-de-frade e bromélias;
- juazeiro, umbuzeiro e jatobá: as árvores grandes;
- refúgio da Ararinha azul;
- micos, veado mateiro e suçuarana também tem;
- cenário da Guerra dos Canudos;
- terreiro predileto do cangaceiro Lampião;
- hoje os índios pankararés estão por lá;

- no Raso da Catarina é comum ouvir relatos e histórias de pessoas e personagens que viveram épocas sangrentas. As características não foram muito alteradas. Hoje o principal vilão é a seca, assolando a vida de várias famílias. Até parece maldição ou desgraça continuada...

10:30 da manhã. Uma primavera. Uma loira viajante, usando bota, boné e sua imensa e inseparável mochila.

- Ó de casa! Posso entrar?
- Entre menina... Fique à vontade.
- Bom dia, eu sou a Michella. O meu marido e o outro casal de amigos estão estacionando os jipes e tirando fotos. Pode tirar né? Aqui as coisas são tão bonitinhas que dá gosto ver.

- Prazer, sou a Doralice. Dorinha. Me conhecem por Dorinha. Pode tirar sim. Pegue um banquinho e sente.

- Obrigada. A gente precisava mesmo parar um pouco; o carro veio pulando muito na estrada, e o calor é bravo!.

- É mesmo. Você quer ir ao banheiro?

- Como adivinhou?

- Pela sua carinha. Atravesse esse quarto e siga em frente, é lá fora, numa casinha pintada com muitas cores. Está sempre limpinho.

Uma habitação simples, não uma tapera, longe disso. Modesta e não muito distante da estrada, espaçada dos outros sítios. Por aqui as casas estão perdidas, talvez isoladas. Percebo cerca rústica feita com galhos de árvores, criação de galinhas, vejo cabritos (acho que são cabritos e cabras) pretos e marrons. Parecem curiosos; se aproximaram do cercado. Querem cheirar.

Alguns couros de animal (cabra?) secavam junto ao sol. Esbranquiçados, espichados, provavelmente seriam vendidos ou trocados em alguma feira local. Vi duas peles de cor preta, maravilhosas. Se estiverem à venda, vou comprar uma. Talvez pendure na sala de reuniões da minha Agência.

Casa de pau a pique, piso de terra batida, janelão imenso na entrada, por onde o sol penetra, aquece, ilumina, invade...

Cadeira de balanço encostada a um canto. Um cantinho pra meditação? 2 redes de dormir armadas (à espera de um descanso qualquer). Redes coloridas, redes lindas, redes pelas quais eu me apaixonei. Tive ímpetos de perguntar se queria me vender ao menos uma. Não fiz isso. Algo me dizia que eu ofenderia. Namorei as redes. Namorei as redes imaginando namorar nelas. Redes grandes!

Uma cadeira, apenas uma, com acento de palhinha, já muito gasto, onde Dona Dorinha sentava e fazia suas costuras. Algumas esteiras a um canto qualquer serviam de tapetes. Seria isso mesmo? Um quadro antigo do Coração de Jesus, abençoando o lar, e outro em moldura oval mostrando um casal, lado a lado. Pais de quem? Uma rosa branca de plástico estava amarrada junto à moldura. Singela homenagem. Lembranças e saudades eternas de alguém que ficou, para alguém que partiu. Engoli em seco. Como faz bem ver coisas assim!

Perguntei sobre as camas:

-Não tem cama, a gente dorme na rede. Cama é pra doente.

O folclorista nordestino Luís da Câmara Cascudo no seu ensaio "Rede-de-Dormir" faz uma apologia a esta peça domésticas integrante da vida cotidiana das gentes do Norte e Nordeste brasileiros, comparando-a com o leito, e enaltecendo as vantagens da rede: "O leito obriga-nos a tomar seu costume, ajeitando-se nele, procurando o repouso numa sucessão de posições. A rede toma o nosso feito, contamina-se com os nossos hábitos, repete, dócil e macia a forma do nosso corpo. A cama é hirta, parada, definitiva. A rede é acolhedora, compreensiva, coleante, acompanha, tépida e brandamente, todos os caprichos da nossa fadiga e as novidades imprevistas do nosso sossego. Desloca-se, incessantemente renovada, à solicitação física do cansaço. Entre ela e a cama, há a distância da solidariedade à resignação.

Quase mais nada. Tudo simples.

Um gato branco surgiu não sei de onde e se aproximou da minha bota, cheirou, se esfregou, olhou e foi se enroscar junto à mochila, perto do tripé para a máquina fotográfica. O alumínio era mais fresquinho, certamente. Descobri depois que era uma gata. Tinga. Gostei do nominho. Tinga significa cor branca na língua tupi, tão distante daquelas paradas. Perguntei pra Dona Dorinha sobre a gatinha:

- A Tinga? É novinha, não tem um ano ainda. Foi uma repórter de São Paulo que passou por aqui e na época a bichinha era muito pequena, eu não havia pensado no nome. Ela sugeriu e nós aceitamos. Ficou Tinga. É muito boazinha, mansinha, e carinhosa. Pena que vocês não vão passar a noite por aqui, porque quando vai escurecendo, a Tinga já se coloca no batente da janela esperando os calanginhos aparecerem pra pegar.

- Acho que são as lagartixas, não é?

- Não sei, aqui a gente chama de calanginhos, se agarram à parede e ficam parados muito tempo na espera das moscas ou aranhinhas. A Tinga também fica imóvel, mas dificilmente consegue derrubar algum deles com a pata. Acho que ela quer brincar.

- É uma graça! Nós temos um casal de gatinhos lá no Rio.

- Qual o nome deles?

- A senhora não vai acreditar, mas o nome do gato é GATO, e o nome da gata é GATA. Andam por lá com plaquinha do nome junto ao pescoço. Tenho fotos aqui no computador vou mostrar depois.

- Fotos ! Quase ninguém vê isso por aqui no Raso da Catarina.

- Mas a senhora conhece, e demonstra saber de outras coisas também.

- É que um dos meus filhos trabalha na Estação Ecológica, e mostra coisas pra gente, mas é um pouco complicado, porque aqui não chegou a luz elétrica e tudo fica por conta do gerador, mas é caro... não podemos gastar muito.

- Nossa, estou gostando de tudo por aqui!

- O Raso da Catarina é bonito. Dizem que é muito diferente das outras paisagens do Brasil, e bonito. Você trouxe água?

- Trouxe.

- Então tá bom. Tome dela, porque da nossa você não vai se acostumar, pode fazer mal pro intestino, senão eu ferver um pouco ou faço um chá, mas se você trouxe, é melhor assim.

- Como vocês vivem por aqui?

- Vivendo um dia após o outro.

- Quantos anos a senhora tem?

- Quantos você acha?

- Perto dos 70?

- Errou feio! O calor queima bastante, vou fazer 65. E você?

- Tenho 34, e o meu marido 36. Desculpe não deveria ter perguntado a idade da senhora, fui mal educada.

- Não acredito; a educação que seus pais lhe deram foi boa, caso contrário você não estaria aqui dentro da simplicidade da minha casa, dando atenção para uma mulher que acabou de conhecer, e da qual apenas sabe o nome.

- Sei mais do que isso. A senhora é uma pessoa de alma boa.

- Todos nascem assim. Apenas procuro conservar a minha.

- Aprendo uma lição atrás da outra com a senhora. Posso dar um beijo?

- Beijo é bom. Beijo, abraço, cumprimento de mão, são trocas de energia. Você tem a pele muito bonita, menina, conserve assim. Não tome sol. Veja os prejuízos que deixou em mim. Isso não sai mais. Uma pele envelhecida.. O sol foi feito pras plantas.

- É, mas um pouquinho precisa, né?
- Um pouquinho, não exagerado.
- Quantos graus costuma fazer aqui no Raso da Catarina?
- Não sei muito bem desses números, mas é calor. Calor forte até pra nós, o que dizer pra vocês. Mas à noite a temperatura cai. Vocês vão perceber mais tarde.
- Já percebemos, desde que chegamos por aqui no Raso, a variação é boa.
- Não deixem pra sair muito tarde, não quero assustá-la, mas a estrada é completamente deserta. Tem perigos!
- Perigos do que? De assaltos? Se o carro quebrar?
- Perigos...

- Vou dar uma bala pra senhora. Gosta de doce?
- Mais do que de sal. Tem pra você também?
- Claro que tem, Dona Dorinha, faço questão. Escolha.

Eu disse isso tirando da mochila uma caixa plástica, transparente, com diversas divisões, contendo balas, pequenos chocolates, bombons, drops, barra de cereais, um monte de coisa. Guloseimas. Tenho certeza de que ela olhou encantada aquilo tudo. Deu na vista, ela se entregou.

- Nossa! Quanta coisa gostosa deve ter aí... Vou pegar uma.
- Vai pegar mais do que uma, ou melhor: vou tirar um de cada pra mim, e o restante todo é pra senhora, faço questão.
- Não acredito, minha filha. Tudo pra mim?
- É, mas coma moderadamente, senão pode fazer mal.
- Eu sei, vou dividir com um monte de crianças daqui, mas não vou deixar que vejam, Espere que vou pegar uma latinha pra colocar os doces...
- Quem falou em lata? Não precisa não... A caixinha também vai ficar.
- A caixinha? Você tem outra na sua casa?
- Em casa? ... É, tenho sim. Vai servir pra colocar uma porção de suas coisas de costura, estou certa?
- Como adivinhou?
- Seu material para trabalhar é todo separadinho e arrumado, dá gosto de ver. Espero que a caixinha ajude.

- Não tenha dúvida. Gratidão! Deus lhe pague!
- Como faço pra mandar outras caixinhas lá do Rio de Janeiro pra senhora?
- Pelo Correio, no endereço da Estação Ecológica, escreva Dona Dorinha, que o meu filho pega. Você mora no Rio de Janeiro?
- Sim, moramos lá, no Leblon. A senhora conhece o Rio?
- Pela televisão. Que maravilha. Aquilo também foi abençoado por Deus!
- Deus é brasileiro. Não é o que dizem? Quais outras coisas eu poderia mandar pra senhora? Gostaria de contribuir com os moradores aqui do Raso da Catarina.

- Roupas usadas para desmanchar e costurar, outras para os vizinhos. Sapatinhos, sandálias e botas também, principalmente coisas pra crianças. Ah! Ia esquecendo: brinquedinhos são bem vindos, pois meu filho Antonio conserta os que estiverem quebrados, dá um jeito neles e depois a gente distribui.

- A senhora não pediu nada para seu uso próprio...
- O que eu preciso Deus me dá. E manda bastante. Saúde, paz, alegrias, amizades e tranquilidade. Vivo na natureza e da Natureza.

- Não se incomode com isso. Vindo um pouco de retalhos, linhas, zíper, sianinha, elásticos, essas coisas de costura, eu vou ficar muito agradecida. Você sabe o que é sianinha? Ah! Ia esquecendo: Botões. Esses sim fazem falta!

- Sei sim. Minha tia é costureira e eu aprendi a costurar com ela, por isso logo identifiquei suas coisinhas de costura. E o nome Catarina, que foi dado para o Raso, veio de onde?

- Imaginei que você perguntaria. Espere que vou pegar um papelzinho aqui na gaveta. Tem tudo explicadinho, como vocês turistas gostam de saber.

Catarina é em homenagem a proprietária da Fazenda Catarina, que existe até hoje na região. Conta a lenda, que a fazendeira lutou contra a seca, mas foi derrotada por uma nuvem de gafanhotos que devorou a plantação de milho e feijão, deixando-a em estado de loucura e sozinha até o fim da vida. Dizem que seu espírito vaga a localidade ajudando vaqueiros a encontrar animais perdidos.

- Foi o meu filho quem escreveu, tirando de coisas do computador. Achei bonito, não é mesmo?

- É sim. Posso guardar comigo?

- Peguei pra você levar e não se esquecer da gente. Tenho mais.

- O que a senhora faz aqui nesse fim de mundo?

- E o que você veio fazer aqui nesse Fim de Mundo?

- Fotografar. Eu e meu marido temos uma agência de publicidade e propaganda, o casal nosso amigo, que a senhora já vai conhecer, têm uma editora. Eles fazem livros de vários assuntos. É tudo uma coisa muito dinâmica, muita correria, mas é bom. Somos jovens. Aproveitamos a vida de um modo sadio. Esse é o nosso lema.

- Eu também já fui. Casei com 15 anos. Alguns filhos morreram, outros estão vivos. Andam por aí. Às vezes botam a cara.

- A senhora tem netos?

- Uma porção. Algumas filhas moram aqui perto, mas as crianças vivem soltas, brincam o dia inteiro, sobem nas árvores, gostam de escalar as rochas... não adianta ralhar com elas, não tem jeito. Que os Anjos da Guarda nos ajudem. Aliás, devem ter muito trabalho, pois a criançada é bastante levada. Os maiores já ajudam em outras coisas aqui na roça. Serviço é o que não falta.

- Isso é sinal de saúde!

- Você falou uma verdade. São magrinhas, mas dificilmente adoecem.

- Seu marido...?

- Joaquim é o nome dele. Está fora. Foi levar uns animais pra vender na feira perto de Paulo Afonso, volta daqui 5 dias. É difícil... Vamos mudar de conversa, dona Michella.

- Só Michella.

- Você almoça comigo, não almoça?

- Eu?

- Sim, você e os seus amigos. Não querem?

- Bem, é que...

- Lógico que querem. Leio isso nos seus olhos. Só não quer pedir.

- É que tenho medo de atrapalhar. Vocês tem tão pouco...

- Errou duas vezes. Quem falou que vão atrapalhar? É bom ter gente pra conversar um pouquinho, e quem disse que temos pouco? Temos o suficiente.

- Desculpe, não quis ofender.

- Não ofendeu; foi gentil, mas vão almoçar. É coisa simples: tem feijão, arroz, ovo, macaxeira e carne de cabrito. Só falta fritar o ovo e fazer o arroz, coisa que eu resolvo rapidinho, você até pode me ajudar com o fogão a lenha. A água daqui poderá fazer mal, não estão acostumados com ela. Continuem tomando da que trouxeram no carro, mas a comida é limpa, fiquem sossegados. E pra depois, se vocês gostarem, tem doce de abóbora com côco.

- Abóbora com côco! É o preferido do Pietro. Eu também gosto muito, mas ele... Nem vai acreditar. A senhora vai ver.

- Vamos aceitar, mas quero colaborar com alguma coisa. Um dinheirinho ajudaria?

- Não tenho muito o que comprar por aqui, mas ajuda sim, pra um remédio.

- Qual doença a senhora tem?

- Nenhuma. O remédio é pra ajudar quem precisa, né?

Como eu poderia agradecer tanta simpatia e hospitalidade? Será que a Michella merecia? Quanto conhecimento acumulado na vida dessa senhora! Eu que viajava atrás de boas fotos para a minha agência de publicidade, agora descubro uma fonte inesgotável de histórias vividas, de lições, conhecimentos. Sou privilegiada.

Cada um fazia a sua parte por ali, e sabia disso.

O Criador já fizera a dele, concedendo beleza ímpar à região.

Meu Deus! Não percebi, mas estou chorando, as lágrimas molham de mansinho o canto da minha boca. O que será isso? Não estou triste, muito menos sou uma pessoa deprimida. Estamos viajando há dias e tudo está maravilhosamente bem.

- Desculpe as lágrimas, dona Dorinha.

- Já estou acostumada.

- A senhora chora?

- Raramente. Gostaria de poder chorar com frequência, pra limpar a cabeça, mas a vida nos embrutece um pouco por aqui, e as lágrimas não escorrem. Por essas bandas as pessoas fracas não sobrevivem. Deixamos pra mostrar nossos sentimentos quando estamos sozinhas, no escuro da camarinha, em orações com Jesus Cristo, com o Anjos da Guarda e com Deus. Somente eles podem saber desses desabafos chorosos.

- Mas a senhora disse que está costumada...

- Acostumada com o choro dos viajantes que passam pelo Raso da Catarina, nossa querida e inigualável terra baiana. Linda demais!

- Estou chorando de tristeza, por causa da pobreza que a gente vê espalhada pela região, com tantas crianças, meninas grávidas e ainda na flor da idade... Fico triste.

- Eu também, acredite. Já não é mais tempo disso tudo continuar.

- Então a senhora compreende?

- Talvez. Quando a beleza é muito grande... Às vezes me pergunto se a vida na Terra não começou exatamente por esses lados e depois se espalhou pelo mundo.

- Por que a senhora pensa assim?

- Não sei explicar. Principalmente à noite, no meio da madrugada, se eu sair aqui fora e ficar olhando pro alto, vendo o Céu, Lua e Estrelas... penso assim.

Meus amigos chegaram. Letícia e Jacques, e o Pietro também. Estavam ávidos para ir ao banheiro e queriam conhecer Dona Dorinha, de quem eu já me tornara íntima.

- Bom dia senhora! Cuidado que essa mocinha Michella, ela começa a falar e não pára mais.

- Ela pode porque sabe o que fala. É uma menina abençoada. Tivéssemos outras assim por aqui.

- Sentem, fiquem confortáveis. Só não posso oferecer água porque tenho receio que faça mal pra vocês. Não estão acostumados com a daqui. Desculpe.

- Não seja por isso, Quando saímos com os jipes, os reservatórios com água são os primeiros que pegamos. Aqui faz calor bravo, não?

- Muito. Mas a noite, fica gostoso. E a madrugada é fria, garanto pra vocês.

- Você é escritora, Letícia?

- Nós temos uma editora lá no Rio, a Michella já falou?

- Comentou.

- Preparamos os livros das outras pessoas que escrevem, fazemos a capa, as correções, colocamos as fotos... é mais ou menos isso. Eu mesmo escrevo pouco, portém tenho visto tantas maravilhas por aí que neste ano vamos lançar em parceria um livro de crônicas, poemas e imagens. Deve ficar bom.

- Tenho certeza que vai. Façam com calma. Coisas às pressas costumam causar erros e arrependimentos. Pensem, analisem bem e depois executem. É a lei.

- A senhora deveria escrever. Já pensou nisso?

- Eu escrevo, menina. Já pensou nisso?

- Mas... eu...

- Não se espante com as aparências. Sei escrever.

- Michella, me ajude com o fogão. Pegue lá fora uns galinhos pequenos só pra atiçar o fogo, mas cuidado pra não se machucar. Você pode fazer isso?

- Fique tranquila, dona Dorinha, eu me viro bem. Acampamos com frequência em praias e montanhas.

Foi o que fiz. Trouxe, e enquanto ela estrategicamente reativava o fogo do velho fogão à lenha, eu observava as coisas daquela cozinha.

Grande. Talvez o maior espaço da casa. Provavelmente era ali que o pessoal se reunia. Café logo ao acordar, depois preparar as coisas pra quem ia ficar fora, na lida do dia-a-dia, depois viria o almoço, a ceia noturna, enfim, um espaço cheiroso. Cheiroso principalmente daquela mistura de madeira queimada, cinzas, carne defumada, o cheiro de barro... um conjunto que nem as melhores churrascarias do Rio de Janeiro conseguiriam imitar.

Mesa grande, de jatobá alisado a enxó, deixando ver os veios maravilhosos da madeira e dois bancos compridos, um de cada lado. Facilmente 8 pessoas se acomodariam à espera da comida. Sobre ela dois montinhos de feijão, provavelmente dona Dorinha estava escolhendo e separando eles no momento em que cheguei. Uma prateleira comprida, cheia de canecas e pratos. Panelas penduradas. Algumas enegrecidas pelo fogo. Dois bules para café tão bem ariados que minha imagem podia se refletir nele. Refletiu e aproveitei para ajeitar meu cabelo loiro de franjinha escorrida.

- Dona Dorinha, essa bela roupa de couro pendurada aqui é daquelas que a gente ve em filme, de correr atrás de gado na caatinga, de vaquejada, que se fala?

- Isso mesmo, Letícia, e feita por mim, com muita honra!

- Quer dizer que a senhora também fez isso?

- Difícil de acreditar, né? Magrinha, um pouco envelhecida, mas já corri atrás de boi na caatinga, sim. Aprendi com meu pai. Meu marido Joaquim ainda vai e temos uma neta, a Margarida que também é boa nisso. É ela quem usa a minha roupa. E que use no correto, porque a roupa é carregada de energia boa! Da lida acumulada de muitos e muitos anos. Ela nem era nascida. Troquei só algumas partes.

- Pena que vocês não virão a Margarida. Ela está junto com o pai e o vô lá na feira perto de Paulo Afonso, como já disse. Moça linda, na cor jambo tostada do sol e com dois olhos verdes que assustam de tanta beleza!

- Meu Deus! Que incrível! Devem ter moços disputando pra namorar sua neta.

- Eles que fiquem espertos. Ela é boa de peixeira também. Aprendeu comigo.

Todos nós momentaneamente paramos o que fazíamos e fomos admirar o traje completo. Ficou apenas o arroz no fogão a lenha, já cozinhando sob o olhar atento da nossa anfitriã.

- Esse é o chapéu que fica preso ao queixo pelo barbicacho. Observe como ele é bonito, fiz todo trabalhado. Tem a jaqueta, as perneiras – estas estão na hora de trocar, já estão bem machucadas – o guarda peito que é importante demais para a mulher vaqueira, e os guantes ou uma espécie de luva para proteger o dorso da mão. A palma fica nua. E por último os sapatos de couro. Esses são feito pelo meu filho, mas ele não corre atrás de boi. Fabrica os trajes e vende. Tem uma clientela boa. Manda coisas lá pro Sul e o pessoal quer sempre mais encomendas. Não é fácil de fazer, viu. Couro cru e tudo furado a mão, muita coisa ainda de sovela. As irmãs ficam nas redes de tear.

- Já tinham visto assim de perto? De colocar a mão?

- Nunca, e nem de conversar com quem faz isso, não é verdade? *Afirmei e perguntei ao mesmo tempo. Os homens não paravam de olhar o fardamento todo e olhar pra Dona Dorinha.*

- Não se assustem com minha aparência frágil. Levanto qualquer uma de vocês meninas com as duas mãos, lá pro alto!

- Podemos tirar uma foto?

- Quantas quiserem. Falem para seus amigos do Rio de Janeiro das maravilhas escondidas aqui no sertão baiano. Quem entende vai gostar. Somos descendentes de índios, os primeiros habitantes dessas terras ásperas, vocês sabem disso.

Aqui na nossa região do Raso temos os canions com as pedras esculpidas pelo vento. Lugares um pouco perigosos para os turistas. Se forem lá tomem cuidado. Vão ver as revoadas das ararinhas azuis, mas é logo na Aurora que elas saem. Tem urubú rei, tem lagarto e onça parda também. Não podem descuidar.

- Dona Dorinha, depois do almoço a senhora veste o traje todo pra gente fotografar? Vai ficar linda! Vai ganhar até um cachê, como se diz, por causa da cenografia. Pode ser!

- E porquê não?

- Vamos tirar uma na soleira da entrada pra mostrar a casa e outra aqui comigo perto de boi, mas vocês tem que tirar a foto mais de longe. Ele é bravo, pode ficar nervoso por causa de estranhos. Comigo ele é bonzinho. Já está acostumado porque cuida dele, mesmo quando está adoentado. A gente se respeita!

Observei um pouco mais e pude ver preso à parede um bonito calendário estampado com fotos de crianças. Provavelmente crianças nordestinas, face ao bonito do rostinho e à beleza das paisagens. Um forte risco vermelho circundava a data de 04 de março. Não ousei perguntar, mas fiquei curiosa. Seria o aniversário de alguém? Data de alguma festa especial... Deixemos isso enterrado nas areias do tempo. Não temos o direito de remexer em coisas íntimas. Quase sempre dói.

Na hora do almoço a Tinga se alojou estrategicamente no meu colo e não saiu dele. Não pedia nada, nem miava. Sabia que eu estava lá e que alguma coisinha desviaria pra ela, sorrateiramente. Já éramos cúmplices.

Meu marido, Pietro, não fez cerimônia e repetiu o prato.

- Há tempos não como um arroz com feijão tão saboroso. Se a gente morasse mais perto eu juro que viria com mais frequência... *foi o seu comentário.*

- Seriam bem recebidos novamente. A alimentação por aqui não é variada, mas é forte. Tem muita coisa com milho, macaxeira, leite de cabra – depois que os cabritinhos mamam, lógico, eles estão em primeiro lugar.

...

- Qualquer dia a gente volta. *Foi o meu comentário, aproveitando o gancho da conversa.*

- Não voltarão.

- Eu volto, *Insisti.*

- Não; principalmente você, Michella.

- Como pode ter certeza?

- Nossos tempos são diferentes. O de vocês ainda vai espichar bastante, se Deus Nosso Senhor assim permitir, mas o meu já é curto, começo a sentir isso. Não passo para meus filhos para evitar sofrimento. Os bichos que estão perto de mim sabem disso, apenas eles. A Tinga, como animal estranho que é, felina, já percebeu e me rodeia como se quisesse proteger, é engraçado. À noite eu preciso dormir primeiro e depois dorme ela, não sem antes rondar a casa, em seu passinho leve, espiando e espionando tudo, para que nada de mal me aconteça, sinto isso.

- Lembrem de mim do modo que está sendo hoje. Será melhor assim, que fique na sua memória a lembrança desse dia gostoso e especial em que juntos tivemos o prazer de conviver, e eu pude mostrar um pouco do nosso sertão baiano.

- Mas eu quero...

- No momento seu pensamento é esse, moça Michella, depois ele vai começar a mudar, como se fosse se esvaindo, acho que é essa a palavra certa. Não se culpe. É assim mesmo. Os dias passarão... meses, até anos, depois haverão outros afazeres e peregrinações para você. Suas missões são muitas.

- Vi um crucifixo grande na parede, e algumas imagens de santos. Reconheci apenas a de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Lourdes, desculpe, não sou boa nisso, gostaria de aprender mais. A senhora benze as pessoas?

- Sim. Aquelas que têm fé. Gostaria de ser benzida, minha filha?

- Pode ser?

- Pode. Você está precisando mesmo, talvez foi arrastada aqui pra isso...

- Dona Dorinha! Como é possível?

- Tudo é possível... Venha aqui comigo, perto do Oratório.

Sentei quietinha no banquinho que ela me indicou. Voltou do quintal trazendo alguns raminhos de arruda e mergulhou-os num prato branco onde derramou um pouco, bem pouco, de água benta. Fez o sinal da Cruz, pegou na minha mão para que fizesse o mesmo. Colocou a mão esquerda em seu peito e com a outra segurou os raminhos de arruda, batendo-os ligeiramente sobre minha cabeça, meus ombros e minhas mãos. O cheirinho de arruda que se desprendeu dali exalou por todo o quarto... Só estando lá pra perceber. E rapidamente murcharam, como se estivesse cozinhando.

- Minha falecida avó, Dona Gertrudes, benzia. Eu gostaria de ter aprendido com ela, mas não houve tempo. A senhora ensina?

- Pra algumas pessoas, depois que eu sentir mesmo a bondade no coração delas. Não é coisa pra se fazer de uma hora pra outra.

- Lamento que sua querida avó Dona Gertrudes, nome de Santa, tenha sido atropelada e morta. Ela gostava de você de uma forma especial.

- Como sabe? Não contei isso pra senhora e quase não menciono pra ninguém... acho que nem a Letícia sabe...

- Partiu inesperadamente e você não pode se despedir dela. Daí a ligação restante, o amor que ficou. Você é digna desse amor.

- Eu sei disso tudo. Tem coisas que não se explicam, minha filha, não queira entender tudo de uma só vez.

- Eu vou chorar.

- Não precisa pedir ordem pra mim.

Eu estava perto dela. Somente nós duas. O pessoal estava arrumando as coisas nos carros e tirando as últimas fotos do final de tarde. Abracei-a e chorei durante alguns segundos com o rosto encostado ao seu peito. Dava pra escutar a cadência do seu coração...



- Pra aprender a benzer, a pessoa interessada que normalmente é mulher, precisa estar aqui comigo numa sexta-feira às 10 da noite, vir de banho tomado, sem usar perfume. Nem desodorante, e trazer uma pequena toalha de rosto, branca e virgem. É muito importante a toalha. Não pode ter feito sexo 3 dias antes e nem fazer 3 dias depois, senão não vai aprender. É preciso conservar a pureza espiritual durante uma semana. Depois pode.

- A toalha da pessoa que se tornar benzedeira, vai sempre estar junto a ela quando for benzer, vai estender na mesa, ou na cama, e é lá que ficarão o crucifixo, o pratinho com a água benta mais a arruda. Depois de fazer o benzimento ela pode lavar a toalha e guardar pra próxima vez.

- Sempre falam na sexta-feira. Tudo é na sexta-feira... Por que?

- O problema não é a sexta-feira. É o sábado, o Sétimo dia. Por isso que trabalhamos melhor a espiritualidade nessa hora da passagem, da sexta-feira para o sábado, compreende?

- O número 7 é um número místico. É o número da Perfeição Divina, pois no sétimo dia Deus descansou de todas as Suas obras. Dizem que o número sete aparece mais de 800 vezes na Bíblia Sagrada. Representa o lado oculto da Vida. É ligado ao conhecimento e à espiritualidade. Os dias da semana são 7. As cores do arco-íris, as notas musicais. O ciclo menstrual feminino. Percebe?

- Não imaginava tudo isso.

- E mais ainda existe: É um número Primo, Sete eram as Maravilhas do Mundo Antigo, Sete os Pecados Capitais...

- Pena que eu não ficarei dias aqui, senão conversaria e aprenderia muito mais com a senhora e quem sabe seria aceita numa sexta-feira, aqui em sua casa.

- Seria sim. Você é uma boa mulher. Eu sei disso.

- Acho que precisamos seguir nosso caminho...
- Vou mandar-lhe algumas coisas.
- O que desde já agradeço, será útil para a nossa comunidade. Mas algumas remessas apenas, que depois acabarão. Não se culpe por isso.

- E se eu...
- Perde o encanto. Já disse, procure compreender. Foi bom o nosso momento. Não estrague isso.

- Como se fosse um amor passageiro?
- É, pode ser interpretado assim. Nossos caminhos são diferentes, mas gostei imensamente de conhecer a Michella que tem bom coração e se preocupa com seus semelhantes. Por onde você passar continue com essa missão. Simples até, você há de convir, missão que pode se resumir em algumas conversas, um almoço gostoso, fotos e troca de olhares com bastante carinho, respeito e compreensão, ou seja: Amor. Você precisa aprender e ensinar.

- Não vou esquecer da senhora...
- Não esqueça.
- Guardarei essa tarde no meu coração. Vou mandar algumas fotos que tiramos.
- Eu também lembrarei com carinho da Michella do Rio de Janeiro. A Tinga se apegou a você. Os bichos entendem das coisas. Nós ainda não estamos prontos.

- É, eu percebi. Acho que é porque eu tenho gatos, sei como me relacionar com eles. Transmitem sentimentos que não consigo definir. São diferentes dos cães.

- Não duvido disso, quem sou eu... mas os gatos são especiais e estranhos, enxergam coisas que nós humanos não temos capacidade para aprender.

- Concordo também com a senhora, eles só faltam falar...

- Mas falam, minha filha... nós é que não entendemos.

Comentei das peles dos bichos, talvez algumas pudessem ser vendidas.

- Essa preta aqui eu posso vender. E no sítio do lado, onde mora minha filha Cláudia, tem outras. Você pode escolher. Meu neto já foi avisar que vocês deverão passar por lá, mas insisto, não demorem muito.

- Vou colocar a pele preta de cabra sobre a minha mesa da sala, assim lembrarei sempre desse dia. Prometo.

- Fico contente.

- Quero um beijo e um abraço de despedida.

- Não demorem muito, começa a cair a tarde... As suçuaranas...

- Acho que vou chorar outra vez.

- Então chore.

- A senhora é sábia...

- Eu sei.

Jamais saberei como ela descobriu que minha avó morreu atropelada, quase na porta de casa... Inacreditável!

Não tive vontade de voltar dirigindo. Disfarcei um pouco e pedi para o Pietro levar o jipe. Fiquei no comando da máquina fotográfica, resgatando mais alguns momentos que a paisagem da estrada poderia nos proporcionar.

Pensei em virar a cabeça e olhar pela última vez para o sítio de Dona Dorinha. Talvez ela estivesse na porta esperando por um aceno, mas resisti, respirei fundo e não olhei. Foi melhor assim.

Comecei a cumprir as ordens dela.

Entardecia de uma forma linda no Raso da Catarina.

Avoantes voltavam em bandos para o abrigo dos seus ninhos. Um casal de ararinha azul também passou por nós.

À nossa frente o céu se apresentava multi colorido. Um alaranjado vermelhão que jamais imaginei que pudesse existir.

Paramos o jipe e eu registrei o momento do pré-crepúsculo.

Tomei um gole d'água, peguei mais uma camisa e cacei uma das balinhas perdidas no meio das coisas da mochila.

A vida seguiria em frente, num ritmo sempre acelerado.

Mas na quietude e imensidão do Raso da Catarina, a Aurora dos tempos talvez ainda não houvesse chegado...

FIM

P.S. Quando chegamos à Pousada, tive vontade de procurar na Internet algumas coisas sobre a Santa Gertrudes. Não lembrava se já havia feito isso:

“...Gertrudes teve uma visão na festa de João Evangelista, em 27 de dezembro. Ela estava descansando a cabeça perto da ferida no lado do Salvador, e ouvindo as batidas do Coração Divino...”

Nelson Di Francesco, abril,2020